

Ulisses: que
discurso é
este afinal?
(Página 9)

Campus

Jornal-Laboratório do Departamento
de Comunicação da UnB

Nº 55 Primeira
Quinzena setembro/83

A mulher
e a pílula:
um mal
(Página 11)

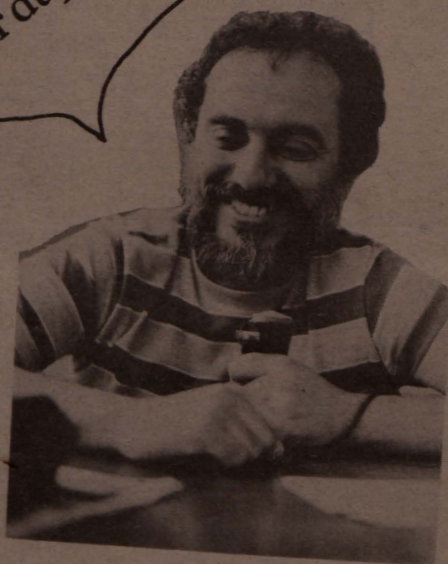
Aqui não há vagas

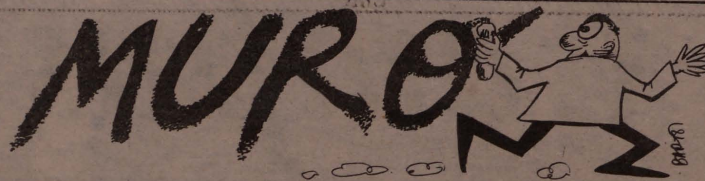


Calouros:
entre a solidão
e a liberdade

(pág. 3)

A Universidade
é uma máquina de
fazer duplicatas





Diffícil viagem, crítica fácil

Está cada vez mais difícil ser mocinho. Você faz um trabalho sério, de bom nível técnico e artístico, gasta horas, meses e vem alguém com um sopro (melhor dizendo, algumas dedadas na máquina de escrever) e arrasa com tudo. O comentário inicial vem a propósito da crítica (?) publicada no Correio Braziliense de 29/08, sobre o filme *A Difícil Viagem*, de Geraldo Moraes, professor de Cinema da UnB. Do crítico nem vamos citar o nome, porque é de ocasião. Um trabalho sério, de muitos prós e poucos contras — já chegamos lá — por razões pessoais, foi difamado literalmente pelo referido crítico (?), que não conseguiu detectar nenhuma virtude no filme. Estranho, não? Nós, deste hebdomadário, damos toda força e valor ao "marinheiro de primeira viagem", apelido dado ao professor Moraes. Apenas uma restrição, que gera a seguinte pergunta: Geraldo, não dava pra trocar a cena de amor do final por uma menos ipanemesca e mais de acordo com os usos e modas da conservadora gente de Barreira do Pequi? (William Santiago).

Curta essa bicho

A Primeira Jornada de Curtas do CACISSO (Centro Acadêmico de Ciências Sociais e Serviço Social) começou bem. Exibiu o desenho animado "NEON", premiado em Cannes em 1982. A promoção do CACISSO vem abrir um espaço regular para mais uma manifestação cultural de que a UnB tanto carece. Todas as quintas-feiras, das 9:35 às 10:10, na sala de projeção da Biblioteca Central, estará sendo exibido um curta-metragem. Vamos ver? (Pedro Coe)

ESPAÇO

A cada semestre letivo torna-se mais clara a falência do sistema administrativo a que estamos subordinados na UnB. A falta de vagas em disciplinas, decorrente da carência de professores, é aspecto de um problema muito grave, que vem tornando insustentável o ensino na Universidade de Brasília.

Segundo o artigo 3º do seu Estatuto, a UnB tem por objetivo ministrar ensino em grau superior, realizar pesquisas e estimular atividades criadoras, e estender o ensino e a pesquisa à comunidade. Estas três atividades deveriam nortear todos os trabalhos aqui desenvolvidos, recebendo igual atenção por parte da administração central.

As atividades de extensão vêm sendo as mais desenvolvidas ultimamente, tanto através da Editora como pela realização de ciclos de estudos promovidos pelo Decanato de Extensão. Aliás, as maiores críticas sofridas por esse Decanato são feitas em relação ao interesse que os seus convidados possam despertar na comunidade acadêmica. Quanto à Editora, seu trabalho também vem sendo alvo de críticas por não publicar as teses e os trabalhos aqui desenvolvidos, restringindo-se quase que unicamente à tradução de obras consagradas no exterior, as-

Paciência mineira em face do poder

"Ficaremos aqui o tempo que for necessário, mas teremos os nossos empregos de volta". Assim comentou, laconicamente, um dos 213 metalúrgicos da empresa Belgo Mineira, que, entre faixas de protestos e muitos impropérios proferidos contra a equipe econômica do governo e da própria empresa, esperavam com paciência mineira uma resposta imediata do presidente Aureliano Chaves para a demissão que lhes foi imposta no último dia 9. Demissão feita sem aviso prévio e qualquer justificativa. Os metalúrgicos explicaram aos repórteres: *lo Campus* que o motivo real de suas demissões foi a rotatividade de mão-de-obra que a empresa quis ilicitamente executar. E provaram suas afirmações mostrando números de balancetes de 1982 da empresa, que registravam lucros suficientes para descartar qualquer alegação de falta de recursos. O buraco é mais embaixo. (Marcelo Gonçalves Vieira).

Paris, Paris, toujours Paris

Ao ler *As Viagens de Gulliver* lembrei do Delfim. Pensei na possibilidade de escrever mais um "best seller": "Volta ao Mundo por 80 milhões de dólares". E que o homem já foi a Londres, aos EUA e coisa e tal. Agora foi à França consultar o tal do Clube de Paris. Ao ouvir falar nisso imaginei o "godinho" lá no meio daquelas dançarinas de cancan,

talvez no "Moulin Rouge" ou "Regins". Só que o tal clube não era nada disso, era um clube de "multis-multis", "trusts & banks", com o qual o País quer "negociar", para recauchutar a dívida-divida externa. E o pior é que o dito cujo havia afirmado a alguns meses atrás que jamais recorreria ao dito clube. Mas quem não tem cão caça com galico. (Pascon)

A liberdade do nada

É esta universidade. É este departamento. São os departamentos. São as pessoas. São os professores. E a Rede Globo mesma coisa que o Campus. São os — ois — entre pessoas que nem chegam a se conhecer. É a manutenção do Modus Vivendi do Brasil por parte das universidades. São os intelectuais. É o andar da bunda da mina do ceubinho. É a vontade de crescer e encontrar orientadores que te orientem. Sabe a única coisa, a única magia que pode nos salvar? É a verdadeira liberdade e paz e mágica e tempo, a temporal e tudo. A única coisa que pode nos salvar é DEUS é JESUS é a FÉ é a CRENÇA é DEUS é JESUS. Creia. Acredite. A fé é aquilo que os olhos não vêem os ouvidos não ouvem mas o coração sente. (Anand Rao).

No Planalto falar é fácil

Mais uma vez depara-se a Nação com mais um dos trágicos paradoxos do regime militar. Trata-se do discurso do Presidente João Figueiredo na última sexta-feira, dia 26, no Palácio do Planalto, ocasião em que reasumia o poder. A certa altura asseverava o Presidente que não permitiria, em hipótese alguma, qualquer interferência estrangeira que tivesse por alvo ferir a autoridade moral da Nação no trato

das questões econômico-financeiras. O paradoxo reside justamente em já se encontrar o país totalmente subjugado economicamente e moralmente ao FMI e agora também ao Clube de Paris. Senhor Presidente, quando acordos decisivos não são encaminhados ao Poder Legislativo para que, democraticamente, possam ser apreciados e votados estamos, sim, profundamente comprometidos em nossa moral, em nossa dignidade e respeito como cidadãos. (Marcelo Gonçalves Vieira).



Yes, nós have medalhas

Ricardo Inokushi e Cláudio Kano foram os ganhadores da medalha de ouro no tênis de mesa nos jogos Pan-Americanos de Caracas. Na natação a medalha ficou com Ricardo Prado, que mora e treina nos Estados Unidos há quatro anos, o que também acontece com Agberto Guimarães, primeiro lugar nos 800 e 1.500m. Para completar, o "nosso" atleta medalha de bronze no salto com vara. Thomas Hintnaus, entrevistado pela Rede Globo, não conseguiu pronunciar uma só palavra do nosso tão maltratado português. "It was really important to me to get a prize in the Pan American games". Pra frente "Brazil". (Luiz Cláudio Machado Alves).

Luz, fé vida paz pra você

É necessário. Lua. Terra. Iluminar a mente e depois sentir nas ondas da vida a mágica da paz. DEUS. Cristo. Buda. E ainda todas as palavras. Todos os magos quando creem e têm fé. É importante. E tudo anda calado e ninguém quer fazer nada. Estamos à tua espera. Pela manhã ali onde se redem bandos de animais estudantes para discutir os rumos políticos da Nação. Ali no teatro de arena. Ali na arena que consome os palcos bestas de intelectualidade. De manhã. As 7 horas da manhã, nos reunimos para orar. Orar lendo a Bíblia. Amar tendo a Cristo. Continuar. A ti temos na alma e a ti oramos por todas as odes do tempo. Mary é linda. César é lindo. Evando é lindo. Cristo é tudo. O tudo do todo, o todo do tudo. Beijo e paz pra você. (Anand Rao).

No Vídeo Show Timóteo x Leão

Dizem que a maioria dos políticos foge com a verdade, mas este não foi o caso do deputado Agnaldo Timóteo (PDT-RJ) quando afirmou no programa *Video Show*, da Rede Globo, que o goleiro Leão não passa de um "frangueiro que deu certo". Isto pôde ser confirmado no jogo Brasil e Argentina, pela Copa América, onde o experiente goleiro da Seleção Brasileira mais parecia estar disposto a demonstrar sua solidariedade para com os flagelados da seca. Fez tudo para levar um frango. (Luiz Cláudio Machado Alves).

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB. Supervisão editorial: Professores Arcelina Helena, Carlos Augusto Setti e Murilo Cesar Ramos. Editora de Fotografia: Professora Luiza Ventrelli. Diagramação: Professor Milton Ribeiro. Editores: Marcelo Villares Coelho, Paulenir Constâncio e Pedro Coe (UnB); William Santiago e Ieda Prestes (Comunidade); Ilara Viotti, Luiz Modesto e Marcelo G. Vieira (Nacional); Humberto Pereira e Sandra Fernandes (Internacional); Armando Bulcão e Cristina Gutemberg (Cultura); Luiz Roberto Nader e Sheila Perru (Ciência).

Redação: Anand Rao, Carlos Alberto de Almeida, Catia de Abreu e Souza, Dercio Rodrigues, Diogo Neto, Glória Carvalho, Guilherme Soares, Heloisa Vieira, Jurema Campos, Kido Guerra, Lavinia Ribeiro, Leda Pinto, Luiz Claudio Alves, Lilian Mandel, Manuel Hollanda, Maria Amelia Bezerra, Maria Cristina Bezerra, Rodrigo Fonseca, Rosene Reis e Sarita Carvalho.

Ilustrações: F. Rabello. Redação: Departamento de Comunicação/UnB, 70.910 Brasília, DF. Telefone: 274-0022, R. 2463.

É necessário retomar o ensino e a pesquisa

Marcelo Villares Coelho*

sumindo assim apenas um de seus papéis.

A pesquisa, indispensável à renovação dos conhecimentos em uma universidade, vem sendo tratada como atividade de menor importância pela administração central, que investe poucos recursos em laboratórios e equipamentos. Os professores são constantemente obrigados a trabalhar com materiais obsoletos, que prejudicam o desenvolvimento de suas pesquisas e, consequentemente, o conteúdo das disciplinas que lecionam.

Por fim, o ensino. A mola mestra de todo este sistema está cada vez mais relegada a segundo (ou terceiro) plano. Não só aqui, mas em todo o país. Acontece que estamos na universidade-modelo, que no pensamento de seus idealizadores

deveria apontar a solução para os problemas nacionais e não manter a estrutura vigente. Segundo dados oficiais do MEC, a UnB é a universidade que detém a mais baixa relação professor/aluno em todo o país. São 850 professores para mais de 9.000 alunos, perfazendo um percentual de 1/11, muito pouco em comparação com outras universidades que chegam a apresentar índices de 1/4. Para agravar essa situação, temos que levar em conta que grande parte do nosso corpo docente não tem contrato de dedicação exclusiva, deixando de se dedicar em tempo integral à pesquisa e ao ensino.

Com todos esses problemas, só faltava nos privarem do pouco que ainda temos. Faltava? No Departamento de Comunicação, conhecido

pela escassez de recursos, roubaram o mínimo que havia no estúdio de rádio, deixando como saldo uma porta e o ensino violados.

Tudo isso desemboca na etapa de matrícula, quando toda a estrutura da Universidade é posta à prova. Faltam vagas, o descontentamento é geral e o jeito é acampar no Minhocão na véspera do reajuste para conseguir uma vaga na sonhada disciplina. Ainda na Comunicação, foram oferecidas 540 vagas para um total de 842 pedidos, refletindo uma situação que ocorre em toda UnB e que está provocando o surgimento de comissões de alunos e professores para avaliar as deficiências de seus departamentos e enviar propostas à reitoria.

A dimensão que todos estes problemas vem tomando nos leva a crer que a Universidade de Brasília necessita urgentemente rever toda a sua política de ensino e pesquisa, sob pena de se tornar obsoleta. Mais que isso, se continuar a empregar seus recursos em projetos que pouco beneficiem a comunidade acadêmica, corre o risco de perder a razão de ser Universidade.

(*) Marcelo é editor do *UnB do Campus*



Cada qual no seu canto em cada canto a solidão

Acabou-se o tempo dos "troles", mas os calouros estão aí, todo semestre. Uns se perdem, enquanto outros esperam uma nova visão de vida

O tempo do "trote" já se foi, mas os calouros continuam. É difícil escrever 60 linhas sobre o que pensam os calouros desta universidade e contrapor essas impressões fresquinhos às impressões dos veteranos. Em todo caso vale a pena tentar agitar um pouco da inteligência que se supõe seja fácil de encontrar numa universidade.

A UnB dos calouros tem um Bandeirão de comida gostosa, professores interessados em ensinar e um bom nível de ensino. Não é porém, com o deslumbre total que noutros tempos se usava imputar aos calouros, que os bem sucedidos no vestibular do segundo semestre de 83 chegaram à UnB. Verônica Freire, no primeiro semestre de Arquitetura, está um pouco perdida com as longas distâncias da UnB e preferia que os professores fossem brasileiros. Reclama também das duas horas de aula sem intervalo.

Yvonisa, caloura do curso de Contabilidade, acha que a UnB vai lhe dar uma nova visão de vida. Mas também tem reclamações a fazer. "A primeira semana sem aula, os cursos pouco interessantes não me causaram boa impressão", embora afirme que ter deixado o cursinho pra trás já deixa qualquer um aliviado.

Coleguismo

É significativo o salto que se dá quando se entra para uma universidade, tendo em vista os cursos pré-vestibulares, onde se estimula a concorrência e se implanta um clima de terror ao vestibular. Os calouros, além de encontrarem uma nova realidade educacional, deparam com um clima de coleguismo que, apesar de na UnB ser colocado em dúvida, não deixa de existir.

Com o passar dos semestres, os calouros vão aprendendo a esconder as dúvidas, a reprimir perguntas ignorantes e a esbanjar o falso brilho do saber. Esse clima de complicitade é acatado por certos professores, que regem a banda da picaretagem. Uma aluna veterana, antes de se matricular em EPB II, procurava assistir primeiro à aula para verificar se o professor não era muito "exigente".

Não se pode dizer contudo que na UnB inexistente um clima acadêmico. William Santiago, matrícula 74 (atenção DAA), acha "um barato estar na Universidade". "Esse burburinho, esse burburinho, esse bombardeio de conhecimento me atrai". Indagado sobre o problema da solidão dos alunos, um

tema que se discute muito na UnB, ele respondeu: "Não foi a UnB que inventou esse negócio de solidão. A solidão de cada um é que, somada, dá no que se chama solidão da Universidade". Sobre a formação universitária, ele disse: "A universidade é a ponta de lança da sociedade, está sempre à frente dela. Por isso, quando se vai atuar em qualquer campo profissional, tem-se que recuar um pouco".

Com raras exceções, de calouros a veteranos, se assume o privilégio de estar na universidade. E, paradoxalmente, há um aumento do número de pessoas que retornam ou permanecem na universidade através dos recursos de dupla-opção, DCS e aluno especial. O desemprego, talvez causa o efeito do clima de desânimo e da permanência de alunos na universidade, revela o interesse maior que desperta esse tipo de instituição por parte da classe que a frequenta.

Apesar da vinda diária de 10 mil alunos ao seu campus, a UnB com seus lindos jardins, sua bela arquitetura e uma infra-estrutura acadêmica bem montada, não motiva as pessoas para a busca do saber. Mas continua a fornecer os títulos a quem a ela tem acesso. (Pedro Coe)

Roubo deixa dúvidas no ar e um estúdio mais precário

No último fim de semana antes de se iniciar as aulas do segundo semestre, entre os dias 6 e 8, pelo menos duas pessoas, possivelmente alunos ou bastante íntimos da UnB, invadiram o departamento de Comunicação, levando parte do equipamento do estúdio de rádio, cuja porta foi arrombada. O equipamento inclui um pré-amplificador equalizador de uso estritamente profissional e um toca-discos.

A única consequência do furto, até terça-feira, dia 23, além de prejudicar as aulas no estúdio, foi a troca de algumas das fechaduras do departamento. A 2ª Delegacia Policial, da Asa Norte, onde foi registrada a ocorrência, somente naquele dia, pediu ao Instituto de Criminalística o laudo técnico da perícia realizada no departamento dia 8, quando foi descoberto o furto.

Ninguém viu nada. Os responsáveis pelo furto entraram por uma das portas do andar superior da Comunicação, invadiram o estúdio de rádio, capturaram um toca-discos Technics, um gravador cassete stereo-deck, um fone de ouvido Lebo, um pré-amplificador equalizador SAE e um microfone, deixando intactos dois outros toca-discos, um gravador de rolo, um microfone e diversos materiais. Todo o equipamento pertence ao patrimônio da universidade.

Nenhum dos integrantes do Serviço de Proteção ao Patrimônio, a SPP, percebeu o furto. Segundo informou o supervisor da SPP, responsável pela chefia, Raimundo Cosmo da Silva, o caso cabe agora à polícia. Alegando falta de pessoal, o supervisor

disse que normalmente 139 guardas se revezam em três turnos diários de 30 vigilantes para proteger todo o campus da UnB. De cada turma de 30, ficam sete no Minhocão, um dos quais na extremidade da Ala Norte do ICC, onde fica a Comunicação. Segundo se sabe, não havia nenhum guarda da SPP de plantão na Ala Norte durante o fim de semana em que o equipamento desapareceu.

SABIAM DE ANTEMÃO

Conforme explicou o funcionário Agostinho Meió, do departamento, os autores do furto são alunos da UnB, já que sabiam de antemão onde e o que roubar. Os dois toca-discos deixados não estavam em condição de uso imediato. Além disso, foram levados os fios de conexão, o que revela, segundo Agostinho, o interesse específico no equipamento. Esclareceu ainda o funcionário que foram pelo menos dois os responsáveis pelo furto porque ninguém, sozinho, conseguiria carregar todo o material de uma só vez.

A reposição do equipamento, exigida em ofício do chefe do departamento, professor Sérgio Porto, ao superintendente-executivo Lyster de Figueiredo, da Fundação Universidade de Brasília, deve demorar dois meses ou dois anos. A primeira estimativa é do chefe da seção de Aquisição do Serviço de Patrimônio da Universidade, Túlio Campos, enquanto a segunda é de funcionários do departamento, baseados em experiências anteriores. (Guilherme Soares)



Eleições direta para Reitor.

Poucos alunos foram ao debate sobre o fim da Lei 6733, mais conhecida como "Lei Azevedo". Realizado no último dia 24 de agosto, o debate contou com a participação de parlamentares da oposição e representantes da ADUnB, ANDES e DCE. Os Deputados José Eudes (PT-RJ), Hermes Zaneti (PMDB-RS) e Roberto Freire (PMDB-PE) ressaltaram durante o debate a necessidade da mobilização da comunidade universitária para abolir este "instrumento arbitrário e antidemocrático" das universidades brasileiras.

Os professores e parlamentares chamaram a atenção para a falta de mobilização da comunidade universitária diante da importância do assunto. Embora os alunos estejam desmobilizados em face do problema, os professores aparentam estar ativos. Recentemente, a ADUnB falou com o deputado Nelson Marchezan, líder do partido do governo na Câmara, que se dispôs a estudar o problema.

"É preciso utilizar todos os meios de pressão possíveis por parte da comunidade universitária". A declaração é do deputado Hermes Zaneti. "O fim da 6733 depende da mobilização de toda a universidade e é urgente para que o incidente que se dá hoje em São Carlos, onde o reitor está proibido de pisar no Campus, não seja apenas uma luta isolada".

URGENCIA

Existem três projetos em tramitação no Congresso propondo o fim da 6733, no que diz respeito às fundações universitárias. Um deles, de autoria do deputado Roberto Freire, tem como pilar eleições diretas para reitor e demais cargos das Universidades Federais. E deverá entrar em votação em regime de urgência na Câmara caso o pedido do deputado, subscrito por alguns líderes da oposição, seja aprovado.

Outro projeto, com origem no Poder Executivo, de autoria da ministra da Educação Esther de Figueiredo Ferraz, é o que conta com maiores possibilidades de aprovação. Segundo a revista Visão, deverá ser aprovado até fins de setembro e propõe que, ao invés dos reitores das universidades, fundações serem nomeados diretamente pelo presidente da República, sejam escolhidos a partir de uma lista sêxtupla encaminhada pelo Conselho Universitário.

"O projeto do governo já é um avanço na democratização da universidade", admitiu o deputado Roberto Freire. Apesar de pensar assim, ele acha que é importante que o projeto seja alterado, principalmente para eleições diretas ao invés de listas sêxtuplas. (Paulenir Constâncio).



Campus Avançado um espaço a ser ocupado

Alunos dos cursos de pedagogia, arquitetura, matemática, biblioteconomia, educação artística e educação física, acabam de retornar do Campus Avançado da UnB, onde desenvolveram durante o mês de julho e início de agosto trabalhos acadêmicos junto à comunidade de Nova Xavantina (MT). Os projetos de natureza interdisciplinar visam atingir a comunidade com o propósito de um desenvolvimento urbano-rural integrado para a região em suas diversas áreas tais como educação, saneamento básico, urbanismo, agricultura, saúde, comércio e transporte.

O Campus Avançado da UnB é um dos 23 campi mantidos pela Fundação Rondon em convênio com as universidades e outras instituições, visando o intercâmbio entre as experiências acadêmica e as experiências das comunidades. Após 12 anos funcionando com sede em Aragarças (GO), município vizinho à Barra do Garças (MT), o Campus transferiu sua sede, em 1982, para Nova Xavantina, localizada às margens do Rio das Mortes na região da Serra do Rondon e distante 800 quilômetros de Brasília.

COORDENAÇÃO

O GTU (Grupo Tarefa Universitário) tem por finalidade a coordenação das atividades aqui na UnB, agindo junto ao Rondon e à sede do Campus Avançado no sentido de prover apoio logístico necessário para o desenvolvimento e continuidade dos projetos. Fica localizado no ICC sul, em cima da livraria e banca de jornais, onde você poderá saber como fazer para participar de atividades em Nova Xavantina.

O programa de atividades para o ano de 1983 prevê a participação de 80 alunos e 24 professores orientadores. Os projetos em andamento na área do Campus Avançado têm como característica principal sua interdisciplinariedade entre vários cursos, onde as situações são discutidas em conjunto e as soluções são buscadas através da complementação das características e especificidade de

cada setor, sempre com a participação da comunidade. Assim tenta-se atingir os problemas de forma mais completa.

Segundo a professora Leda Del Caro, diretora do Campus, a finalidade de tais projetos é "o real desenvolvimento da região e não apenas pequenos ensaios acadêmicos sem continuidade". Para a professora Leda, o enfoque principal das atividades tem sido o respeito às características da região, na tentativa de chegar-se a um consenso em relação à utilização das potencialidades das comunidades e o aprendizado adquirido na vida universitária. O aluno conhece uma realidade onde pode participar e utilizar os seus conhecimentos analisando sua relação no contexto profissional.

O Campus está aí e é preciso conhecê-lo. Numa universidade onde há poucas oportunidades para o emprego prático do conhecimento acadêmico, a experiência junto à comunidade de Nova Xavantina proporciona aos alunos o conhecimento de sua relação como profissional. (Diogo Neto)



FLIMPO: a hora do festival livre

Flimpo, Festival Livre de Música Popular, será a próxima realização da Comissão de Cultura do DCE da Universidade de Brasília.

E um festival que terá três estágios: a) um critério de pré-seleção, onde foram entregues fitas no ato de inscrição do festival e foram analisadas em consenso por um grupo de personagens imbuídos de uma caracterização intelectual.

b) após a pré-seleção a apresentação durante três dias, 7, 8 e 9 de outubro, onde as músicas serão julgadas em número e grau de 10. Após, julgamento que será feito metade por um júri sério composto de dois músicos, um jornalista, um professor de música e ainda não está definido o resto da composição do júri e 5 por um júri popular.

c) o recebimento por parte das 10 classificadas de Cr\$ 80.000,00 e também, uma apresentação de uma série de 12 grupos musicais de Brasília que receberão um cachê de Cr\$ 60.000,00. Délson Antunes, Diretor da Comissão de Cultura do DCE, nos diz que já recebeu a mísera quantia de Cr\$ 350.000,00 da Fundação Cultural do Distrito Federal e que o resto da verba destinada à premiação e pagamento da atividade ainda está pendente de recebimento frente a empresas particulares e a órgãos públicos. Também nos diz, em tom raivoso, que é uma pena o desinteresse das entidades de base da UnB (CAs e etc.), em ajudar o festival, que é interesse da Universidade como um todo.

E bom lembrar, que o festival não possuirá Censura prévia, sendo portanto realmente, um Festival Livre de Música Popular e ainda sem definição mas, deverá ser realizado no teatro de Arena da UnB nos dias anteriormente citados, às 21 horas. (Anand Rao)

FACULTA: a arte tenta sobreviver em Taguatinga

Discriminada culturalmente ou tratada com paternalismo, Taguatinga dá exemplo às outras satélites com a FACULTA.

A Feira de Arte e Cultura de Taguatinga (FACULTA) foi criada com o fim de despertar na comunidade o interesse pela participação em eventos culturais, lutando pela arte, promovendo artistas locais e demonstrando que Taguatinga, apesar dos seus 25 anos, pode oferecer ao público uma contribuição decisiva para o crescimento de sua cultura.

A Faculta surgiu da iniciativa dos professores José Fernandez, seu Coordenador Geral, e Jomar Alves Moreno, que vêm lutando pela sua preservação e continuidade. Segundo Fernandez, a tendência da Faculta é tornar-se uma promoção tradicional da cidade.

"O principal problema da Feira é seu espaço físico que é limitado. Ela não possui credibilidade perante aos órgãos oficiais e temos dificuldades quanto à sua veiculação por parte da imprensa do Plano Piloto", afirmou o Coordenador Geral da Faculta. Os organizadores reclamam do pouco apoio que lhes é concedido, pois não favorece a implantação de uma melhor exposição.

RECONHECIMENTO

Segundo o Administrador de Taguatinga, Antonio Valmir Bezerra, apesar da limitação de verbas devido aos diversos acontecimentos que ocorrem na área, foi dado todo o apoio aos organizadores com o fornecimento de policiamento, montagem do palanque, painéis de madeirite, tintas e papéis, e transporte para o deslocamento de materiais. Valmir reconhece contudo que esta ajuda ainda não foi suficiente, pela própria limitação de recursos que se torna inexpressiva perante as exigências da comunidade.

A Feira conta com o apoio do Colégio Objetivo, Fundação Cultural e Administração Regional de Taguatinga, com a realização da Associação de Arte e Cultura de Taguatinga, Jornal "Foco", e com o patrocínio de alguns comerciantes locais. Contudo é evidente a necessidade de um reconhecimento mais intenso, tanto dos órgãos oficiais quanto do público (Maria Amélia).



O teatro, uma das atrações da FACULTA movimentou o público infantil

Taguatinga não quer ser dormitório

Dia 21 de agosto. Bela manhã de sol em Taguatinga. Alguns expositores começam a chegar com suas barracas e logo se espalham pela grama, pela calçada, em qualquer lugar onde há conforto. Dona Maria Azevedo, expositora de artigos diversos, que já estava no local desde as 8 horas, diz: "Vim porque insistiram que eu viesse". Viúva há uma semana, não acredita na vendagem de seus produtos. Quer somente aliviar sua tensão. Outra expositora, Inez de Melo, chega e vai colocando seus quadros na grama e acrescenta orgulhosamente: "Meus quadros são feitos à óleo". Um grupo de jovens toca violão. Há outros chegando, como os grupos de teatro. Alguns organizadores dão os últimos retoques, começa a gritaria, as crianças estão chegando.

Começa a rua de lazer. Adauto, artista plástico, com a cara toda lambuzada, distribui tintas, papéis, pincéis para começar o colorido no asfalto e nas calçadas.

Ainda é cedo e o público adulto não chegou. "Só fica melhor à tarde, quando começam a chegar os grupos de música", comenta Was-

ghinton, um garoto de 12 anos, que acompanhou a FACULTA. De fato, à tarde o público é numeroso, aumentando pela noite adentro. O primeiro grupo a se apresentar foi a Banda Norte-Sul, do Plano Piloto, às 3 e meia, com atraso de meia hora. A agitação do público começa e vai chegar ao auge quando grupos mais conhecidos, como o Liga-Tripa do Plano Piloto se apresentam.

Alguns artistas reclamam do colonialismo cultural do Plano Piloto. Miquéias, mímico e integrante do grupo Retalhos de Taguatinga, é um dos que protestam: "Os melhores horários de programações musicais são concedidos aos grupos do Plano Piloto". Na verdade, Taguatinga, como outras satélites, foi sempre tratada como cidade-dormitório e carece de incentivos para o desenvolvimento de projetos culturais. Por esta razão, os artistas, organizadores e outros satélites da arte naquela satélite estão indo à luta. Começaram com a FACULTA, hoje já estão fazendo a segunda. Criaram a Associação de Arte e Cultura de Taguatinga e reivindicam a construção urgente de um teatro para a cidade. (Maria Cristina)



Um interior em ruínas: destruição foi o que restou do hospital JKO.

Hospital em estado de coma

O primeiro hospital de Brasília está muito doente. Construído em 1957 e fechado desde 1975, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), é hoje apenas um velho barracão de tábuas localizado na Área do IAPAS, no Núcleo Bandeirante. Preocupados com o esquecimento e a situação de penúria em que se encontra o antigo hospital, os moradores daquela área enviaram às autoridades um pedido de restauração e conservação do HJKO como patrimônio histórico de Brasília.

A Comissão Brasília, formada para cuidar do problema e constituída por representantes de associação da sociedade civil, instituições e pessoas interessadas em memória histórica, já esteve no local examinando o que restou do antigo hospital: um velho barracão de madeira. Os trabalhos, porém, ainda não foram concluídos, restando aos moradores apenas esperar. Alguns mais, outros menos otimistas. E mesmo indecisos diante de boatos de que a restauração seria impossível, eles não perdem as esperanças de ver o hospital como patrimônio histórico e o nome de seu fundador, Juscelino Kubitschek, lembrado portodos.

Dona Sebastiana, uma das moradoras mais antigas da Área do IAPAS, abre um largo sorriso quando fala da luta pela preservação do hospital. Dona Lurdes outra moradora, prega a "união de todos por objetivos comuns, sem brigas e sem guerrinhas pessoais". Ambas entendem que outras vitórias serão conquistadas.

MORADIA E URBANIZAÇÃO

Dona Sebastiana e dona Lurdes certamente pensam em vitórias como direito a moradia, legalização dos lotes e urbanização da área. Hoje, os barracões estão cercados de mato por todos os lados e, por determinação do IAPAS, não pode existir comércio dentro do acampamento. Como se não bastasse, há um projeto da Previdência Social que prevê a construção de um hospital psiquiátrico naquele local.

Toda a comunidade parece acreditar na frase do "Seu Cauí", do lar dos velhinhos, quando ele diz que "este pedaço de chão é abençoado", pois ninguém pensa em sair de perto do HJKO. Ao todo são cerca de 70 famílias vivendo dentro da Área do IAPAS. Famílias que não teriam para onde ir, caso fosse preciso sair do acampamento. João do Nascimento, aposentado, ex-funcionário do INPS, tenta disfarçar sua apreensão com relação a moradia e pondera: "Nunca ninguém quis tirar a gente daqui, mas o terreno não é nosso. Se mandarem a gente sair o que nós vamos fazer?"

"Seu João Gago", como é conhecido ali, prefere mudar de assunto e faz planos. "Caso não seja possível preservar o hospital, nós vamos fazer uma creche na parte da frente do barracão. 'Ele defende a sua idéia argumentando que uma creche é muito importante para a comunidade. 'Um lugar onde nossas crianças possam aprender alguma coisa boa'. (Dercio Rodrigues).

A VERSÃO OFICIAL

O Administrador Regional do Núcleo Bandeirante, Eustáquio José Ferreira Santos, no cargo desde dezembro de 1982, afirma não ter tido nenhuma participação quanto ao abandono do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Para ele o processo de identificação cultural se deve ao momento vivido por essas pessoas, que expressam o interesse em preservar o hospital. Quanto aos documentos importantes e considerados de valor histórico, o Administrador acredita que tenham sido retirados pelos interessados na sua preservação.

O Superintendente do IAPAS, José Francisco Mendes del Peloso, lastima pela demolição, ocorrida em gestões anteriores. "O IAPAS está somente tomando providências no sentido de limpar o depósito lá existente. Essas manifestações dos ocupantes da área são somente para chamar a atenção da população, que, através dos veículos de comunicação de massa, tumultuam e desvirtuam o assunto. O IAPAS não tem intenções de desabrigar essas pessoas. Caso necessário a instituição usaria uma alternativa adequada. A área pertence ao IAPAS e é destinada ao uso hospitalar". O Superintendente afirma que, como hospital é impossível a sua preservação, mas lá poderia ser colocado um marco histórico.

MEMÓRIA HISTÓRICA

Clara Alvim, da Fundação Nacional Pró-memória, órgão pertencente ao MEC, e integrante da Comissão Brasília, declarou ter sido procurada por uma representação de moradores do Núcleo Bandeirante. Eles se mostraram preocupados com o abandono, dada a importância da obra, remanescente da construção de Brasília. A comissão tem feito um trabalho de pesquisa sobre a matéria, já com reunião marcada, para o dia 30 de agosto, em local ainda não determinado.

Por trás do alegado interesse em preservar-se um monumento histórico em ruínas, esconde-se um fato muito mais grave e imediato: a incerteza dessas pessoas em relação a moradia. (Heloisa Helena Vieira).



NÃO HA

Nos últimos semestres nota-se a crescente falta de critérios que regem a vida acadêmica. O aluno, ao ingressar na UnB, encontra uma carga horária já definida pela Diretoria de Ensino, e ele fica cada vez mais perplexo ao seu redor. Não encontra justificativas para um efetivo planejamento de sua vida na universidade. Nossa preocupação é com os caminhos por que passam os alunos ao tentar encontrar os motivos que acarretam a precária orientação e o ensino da Universidade.

Reajuste poderá ser modificado

"Compro vaga, pago bem. Entomologia Econômica". Isto que mais parece um anúncio publicitário mostra na verdade a dificuldade encontrada pelos estudantes da Universidade de Brasília em conseguir uma vaga nas disciplinas oferecidas no período de reajuste do segundo semestre de 83.

Este foi o caso de Glauco, aluno do último semestre do curso de Agronomia, que, diante da impossibilidade de efetivar a matrícula em uma matéria obrigatória, afixou um cartaz, na porta do Departamento, onde se mostrava disposto a comprar a vaga de um colega matriculado. Segundo ele, chegou até mesmo a oferecer a quantia de 30 mil cruzeiros.

A falta de vagas, professores e principalmente de explicações sobre os critérios adotados na distribuição de vagas são os motivos que levam os alunos da UnB a travar uma verdadeira batalha na disputa por uma disciplina. A luta começa na noite anterior e muitos até acampam na própria Universidade, mas isto não evita brigas nas filas: no Departamento de Física houve troca de socos e pontapés para se conseguir uma vaga em "Introdução à Física", matéria obrigatória do básico.

Falta de critérios

"No Departamento de Comunicação é geral o descontentamento dos alunos quanto à distribuição de vagas. Os critérios até hoje conhecidos devem ser, no mínimo, arbitrários e desorganizados. O professor Ubirajara da Silva, encarregado de distribuir as vagas, usa da maneira que melhor lhe convém, sem se preocupar com aqueles que necessitam de uma especialização maior". Este é o desabafo de Armando Sá Fortes, aluno de Relações Públicas, que se sente "severamente castrado" por não estar cursando a disciplina "Introdução à Fotografia", onde, segundo ele, existe a presença de uma aluna formada em Arquitetura sem o menor interesse na matéria.

Esta não é a única disciplina a oferecer um número mínimo de vagas; o mesmo acontece com "Paginação e Revisão", que é obrigatória do profissional de Jornalismo e que

conta com apenas uma turma de 16 alunos, prejudicando aqueles que seguem o organograma do curso.

Segundo afirmação do professor Ubirajara da Silva, o critério adotado na distribuição de vagas no Departamento de Comunicação é geralmente de classificação: através do somatório de créditos, com exceção dos alunos que, na primeira fase de matrícula, tenham conseguido um número inferior a quatro matérias. Ele não concorda com os sistemas implantados nos demais Departamentos — ordem de chegada — mas acredita que é a única forma de minimizar os conflitos e tumultos existentes no período de reajuste.

Proposta

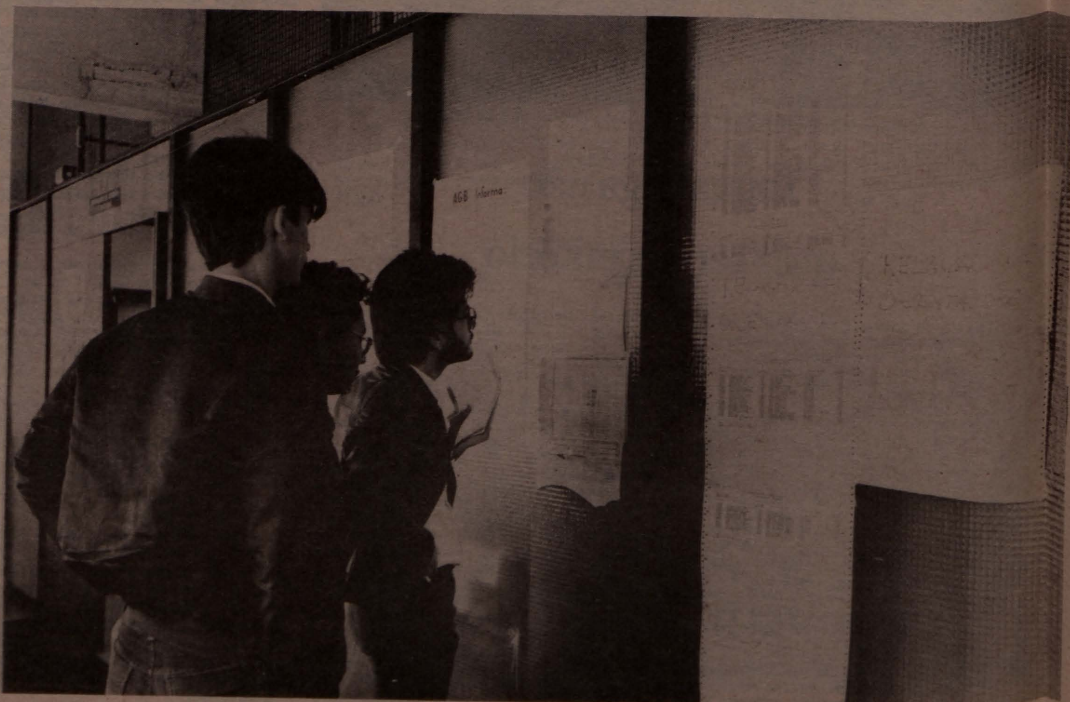
Ubirajara adianta que vai encaminhar junto à DAA (Diretoria de Assuntos Acadêmicos) proposta para

permitir matrículas fora de opção, já na primeira etapa. Isto é, os pedidos seriam classificados no computador e, para isso, o formulário da primeira etapa de matrícula sofreria algumas modificações: passaria de oito para dez pedidos, sendo os cinco primeiros destinados às disciplinas da opção do aluno e, o restante para as demais. Caso a proposta seja adotada, terá que ser complementada por uma coincidência de horário, justamente para evitar um inflacionamento artificial da procura.

Este sistema não visa a criar novas vagas, pois isto só é possível com a contratação de novos professores. Está demonstrado, entretanto, a falta de interesse da Reitoria por este tipo de solução, pois os dois últimos pedidos de mudança no regime de trabalho do Departamento — de tempo parcial para tempo integral — foram indeferidos. (Luiz Cláudio Machado Alves)

A questão sobre as vagas em disciplinas nos diversos cursos vem se tornando o tema principal nas conversas entre alunos e professores, principalmente após o resultado da primeira etapa de matrícula onde a previsão do aluno não se torna realidade. O direito ao ensino torna-se cada vez uma verdadeira guerra entre os próprios alunos.

Os critérios de classificação para se obter vagas na primeira etapa, propostos pelo regimento da UnB são: obrigatoriedade da disciplina para a opção do aluno; prioridade atribuída à disciplina pelo aluno no pedido de matrícula; os créditos relativos, que são o total de créditos já obtidos na opção, dividido pelo número total de créditos exigidos para a conclusão da opção ou pré-opção e por fim a Média Geral acumulada (MGA).



À VAGAS

ente falta de informações sobre as normas e
dêmica na Universidade de Brasília.
B, recebe para o primeiro semestre
DAA. Nos períodos letivos subsequentes,
xo diante do universo burocrático
nto aos departamentos condições
mento de suas atividades na
reocupação em percorrer os
açadores de vagas" foi uma tentativa
a falta de informações, a escassez de vagas
acadêmica no quadro atual de
ersidade de Brasília.

s critérios de matrícula não satisfazem

Estes critérios não estão satisfazendo a comunidade acadêmica no atual quadro de ensino na UnB gerando concentração de pedidos na etapa de reajuste de matrículas.

O que se nota é a falta de planejamento da vida universitária. A figura do professor orientador ainda não é reconhecida e sua atuação, na maioria das vezes, é superficial, limitando-se a informar aos alunos assuntos burocráticos que podem ser resolvidos utilizando o manual do aluno de graduação distribuído pela DAA e que nem sequer é lido.

FALTAM PROFESSORES

A falta de professores é uma constante em quase todos os Departamentos. Na universidade temos 800 professores para cerca de 10000 alunos, o que agrava ainda mais esta situação. O grande número de alunos

transferidos que chega a cada semestre, devido ao fato de Brasília ser uma cidade especializada em serviços públicos, é apontado pela administração da UnB, como um dos fatores que dificultam a solução do problema de vagas em disciplinas.

Em vários Departamentos, os equipamentos e salas de aulas estão ociosos no período da tarde e à noite. Esta concentração das atividades didáticas, no período da manhã, impede que sejam oferecidas novas turmas e opção de horário para os estudantes.

Na busca de melhores condições de ensino é de fundamental importância o levantamento das necessidades do corpo discente e docente no sentido de encontrar soluções mais duradouras com o objetivo de superar a atual crise que atinge a Universidade de Brasília. (Diogo Neto)

Linhas gerais do reajuste

As secretarias dos vários departamentos foram contactadas com o intuito de conseguir informações referentes aos critérios variados de reajustes adotados. A decepção foi total. Alguns secretários ficaram receosos em falar sobre os critérios adotados, outros falaram mas, antes era sempre necessário a autorização do chefe para a solução de qualquer problema que acontecesse para que a cabeça do secretário não fosse a primeira a rolar, e por aí vai.

Em linhas gerais podemos subdividir os critérios em:

a) Os alunos da opção, são aceitos pelas secretarias dependendo do número de vagas em cada matéria (geralmente é mínimo). Esgotando-se esse número de vagas, em alguns casos é aceita a autorização pelo professor da determinada matéria, em outros apenas o chefe do departamento poderá autorizar a matrícula e em outros não há condições de matrícula. Faz-se notar de interessante, que para o aluno se matricular pelas vias normais de reajuste, ele deve chegar na universidade por volta das cinco da manhã pois geralmente o número de vagas disponíveis é limitado, principalmente na área de Humanas.

b) Os alunos fora de opção e de dupla opção são os sofridos, aqueles que para conseguir uma vaga em diversos departamentos tem que

esperar, em primeiro lugar a matrícula, dos alunos da opção, que na verdade deveriam matricular-se na etapa de matrícula, pois o reajuste foi criado para os alunos fora de opção, para casos especiais e dupla opção. Em diversos departamentos, os nomes dos candidatos são colocados numa lista que será analisada pelos chefes de departamento de acordo com seu histórico escolar e maior número de créditos no curso desejado. Aos alunos de dupla opção é concedida uma colher de chá, mas os fora de opção têm que esperar geralmente uma semana para análise de seus currículos. Alguns departamentos, como o de Comunicação, são menos democratas, em reunião realizada recentemente, cortou qualquer possibilidade de mudança de opção, dupla de opção e transferência facultativa para o referido departamento.

c) Alunos especiais, na maioria dos departamentos, são os últimos a serem analisados.

Notamos assim, que a criteriológica adotada pelas diversas secretarias departamentais da UnB, fazem com que o aluno que "sobra" para o período de reajuste fique extremamente perdido e em completa confusão cerebral perdendo aula pela indeterminação de vários departamentos, tornando-se assim mais um a contribuir com ditia mental da UnB. (Cale Rege)

Serviço Social vai à Reitoria

"Serviço Social sem professor tá muito mal". Gritando esse slogan, uma comissão de 25 alunos do curso adentrou a reitoria quarta-feira, dia 25, para entregar ao reitor José Carlos Azevedo um abaixo-assinado reivindicando a contratação de seis professores em caráter de urgência, dois dos quais de imediato. O documento foi subscrito por 103 dos 157 estudantes do Serviço Social.

O currículo do curso, que tem atualmente apenas seis professores dando aulas, exige a realização de dois estágios supervisionados. Neste semestre, dos 46 alunos que pediram o Estágio II apenas 20 conseguiram matricular-se. Segundo explicou o vice-presidente do Cacisso, — Centro Acadêmico de Ciências Sociais e Serviços Sociais, Walkiria de Magalhães, aluna do Serviço Social, isso já vem acontecendo desde o primeiro semestre do ano passado, o que está congestionando o curso.

O mesmo acontece com o Estágio I, conforme disse a vice, lembrando que o problema tende a se agravar com a falta de professores. Ela informou que há casos de alunos já atrasados um ano no curso o qual tem 180 créditos e duram em média oito semestres. (Guilherme Soares)



Com que olhos Brasília vê o resto do mundo

Todos os dias somos motivados a procurar informações sobre o mundo no qual nos inserimos e que tornou-se tão próximo de nós graças aos veículos de comunicação. Essa aparente intimidade, no entanto, vem, muitas vezes, carregada de conotações que, desavisados, ingerimos como verdade incontestável. A partir dessa premissa a editoria internacional do **Campus** pretende, neste número fornecer um quadro geral tanto da seleção do material nos jornais da cidade como das agências noticiosas, principalmente fontes deste material.

As agências de notícias estrangeiras são as principais fontes de informações internacionais dos jornais locais. Sua maior vantagem — talvez a principal — é o custo sensivelmente menor que a mobilização de um correspondente ou enviado especial.

As agências costumam funcionar as 24 horas do dia enviando informações sobre os mais variados assuntos. No Brasil, a única restrição legal à atuação de agências internacionais é que elas gerem notícias nacionais para serem distribuídas aqui. Essa medida assegura que não haja penetração estrangeira no noticiário da imprensa

nacional, pelo menos diretamente.

Em Brasília, existem representantes de oito agências internacionais. O **Campus** ouviu alguns deles. **Francis Casteron**, da **Agence France Presse (AFP)**, explica que a agência é muito utilizada pelos jornais locais. Ela dispõe de um serviço especial para a América Latina que mobiliza 31 funcionários em Paris, enviando cerca de 45.000 palavras por dia em espanhol. Este noticiário é transmitido via satélite ao Rio e em seguida, através de telex, a São Paulo onde mais de 20 pessoas fazem a tradução para o português antes da distribuição nacional. Além do noticiário regular,

que aqui é recebido pelo **Correio Braziliense** e **Jornal de Brasília**, a AFP ofereceu um serviço opcional de features (matérias sobre generalidades), assinado pelo **Correio Braziliense**.

A agência inglesa **Reuters** também oferece mais de um tipo de serviço: o noticioso e o informativo econômico. As notícias chegam ao Brasil, como em toda a América Latina, em espanhol. São cerca de 200 matérias por dia recebidas em Brasília pela **TV Manchete**, **TV Nacional** e **Jornal de Brasília**, diz **René Monje**, seu correspondente no Brasil.

A **Associated Press (AP)** no Brasil veicula seu noti-

ciário através da **Agência Jornal do Brasil (AJB)**. A agência brasileira recebe as transmissões em espanhol da matriz da AP e retransmite em português para os clientes. Isto não significa que não haja outros assinantes diretos da AP. Um exemplo disso é o **O Globo** que recebe as transmissões originais. Apesar do estreito relacionamento com o JB, em Brasília a AP funciona na sucursal da **Folha de São Paulo**, mas isso, segundo **Bryna Brennan**, correspondente local da AP, é uma peculiaridade da cidade.

Por outro lado, a agência soviética. **Tass** ainda que mantenha um correspon-

te em Brasília, não tem nenhum assinante. Existem negociações quanto à possibilidade de fornecer noticiário ao **Jornal de Brasília**, ressalva seu correspondente **Yuri Bepalko**, segundo o qual há interesse dos jornais em assinar a agência, o que seria feito através de contrato comercial normal. A **Tass** oferece serviços noticiosos em seis idiomas diferentes entre os quais português, em uma média diária de 60 laudas (uma lauda tem cerca de 20 linhas). Os assuntos são os mais variados e Yuri esclarece que "a agência não manda e nem vai mandar propaganda política". (**Humberto Martins** e **Sandra Fernandes**)

Mais fontes, maior isenção

A editoria Internacional do **Jornal de Brasília** conta com o serviço de três agências — **France Press**, **Associated Press**, **United Press Internacional** —, embora não se limite a estas três fontes. **Romário Schettino**, editor, explica que, mesmo a equipe sendo pequena, "faz-se o possível para cobrir todos os setores de informação viáveis, dissecando ao máximo as notícias".

Segundo Schettino, a neutralidade é fundamental no setor que orienta. Desta forma, um fato pode ser publicado mais de uma vez, de acordo com as diversas informações recebidas. "Procuramos dar sempre várias versões sobre o fato. Se dois países estão em guerra, evidentemente os enfoques serão distintos".

Para realizar uma cobertura completa, "na medida do possível", a editoria procura desenvolver um trabalho junto às embaixadas. "Mas com apenas um repórter, o **Humberto Neto**, fica difícil", lamenta Schettino, que ainda conta com um correspondente econômico em Londres — **Heitor Tepedino** —, dois redatores — **Carlos Conde** —, que trata de política externa brasileira. "Realmente é muito pouca gente, não há como reduzir a dependência do telex", acrescenta.

Outro aspecto que impede a realização de uma cobertura mais ampla é a tentativa de se dar um enfoque maior à América

Latina. Das duas páginas da Internacional, uma é destinada unicamente a fatos com origem em países latino-americanos, "mesmo que não seja possível fazer um bom trabalho", observa o editor. "Na verdade, o que importa é que existe um espaço fixo que deve ser preenchido".

Em termos de conteúdo, Schettino desenvolve uma linha de ação quase que independente, livre de pressões externas e com condições de realizar uma seleção sob um critério absolutamente pessoal. "Com o hábito de lidar com determinado assunto durante dias seguidos, a gente cria condições de saber qual a notícia mais fiel, qual a fonte mais neutra, qual a agência em que se pode confiar. Mas é muito comum o enfoque subjetivo, de acordo com os interesses de quem produz o material".

Schettino cita a questão do Chade. "A **France Press**" tem sido perigosa nesse caso. As notícias que chegam tratam a Líbia como um bicho de sete cabeças, o noticiário é absolutamente tendencioso. É imprescindível que o jornal vá à embaixada da Líbia para receber a outra versão. Agindo dessa forma, nós conseguimos contornar as deficiências das agências e do próprio jornal".

Outro exemplo da "neutralidade" alegado pelo JB se manifesta através de matérias especiais, enviadas pelos serviços de informação das próprias embaixadas. (**E. Guerra**)

O dia-a-dia de um correspondente

Walter Sotomayor: ver o Brasil com os olhos de um estrangeiro e ver o mundo com os olhos de um brasileiro

Caso *sui generis* é o do correspondente da **Agência Noticiosa Stampa Associata ANSA**, **Walter Sotomayor**: "Somos oito correspondentes internacionais em Brasília. Sou o único que foi contratado no país porque a agência precisava de alguém credenciado no Itamaraty. Todos os demais vieram de fora".

A contratação de **Walter Sotomayor**, que é também Editor de Internacional do **Correio Braziliense**, foi feita pelo chefe da ANSA no Brasil. O jornalista, boliviano de nascimento e naturalizado brasileiro, foi escolhido por saber escrever perfeitamente em castelhano, note-se que a central da agência italiana na América Latina está localizada em Buenos Aires, na Argentina. Segundo Sotomayor, o trabalho executado por um correspondente diverge muito do trabalho de um jornalista local: "A diferença é

que você escreve para as pessoas que não estão atentas ao problema do Brasil".

O dia de Sotomayor começa cedo, às sete e meia da manhã, quando se levanta e sai em busca de notícias. As dez horas chega na redação do **Correio Braziliense** onde se dirige para a sala de telex. Lá, ele normalmente despacha duas ou três matérias para São Paulo, onde o editor da ANSA no Brasil decide se alguma delas merece ser retransmitida para Buenos Aires.

Há treze anos no Brasil, **Walter** já conseguiu formar um largo círculo de amizades que o auxiliam nas suas tarefas jornalísticas, fornecendo-lhe informações. Porém ele afirma: "Eu não posso mandar matérias secas para a central. Outro dia, um senador chamou os correspondentes internacionais a seu gabinete para denunciar uma fraude nas eleições de novembro. Isso já ocorreu há

quase um ano e a notícia, sem estar ligada a fato importante, não interessa."

Na escolha das matérias que irão compor as páginas do **Editorial Internacional**, Sotomayor garante não ter preferência por nenhuma agência especificamente. Ele escolhe a melhor notícia e por vezes mistura informações de várias delas.

A escolha dos assuntos é feita de acordo com o interesse que eles possam despertar no público leitor. **Walter** citou como exemplo uma matéria da UPI informando que países árabes estavam retirando sua ajuda financeira ao Iraque, em guerra há mais de dois anos com o Irã. Ele explica que daqui a uma semana o chanceler Saraiva Guerreiro viajará a Bagdá e que a perda desta ajuda poderá acarretar graves prejuízos ao comércio entre os dois países. (**Manuel Holanda**)

Pouca novidade na fala de Ulysses

Todo mistério se desfez quando o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB desceu da tribuna da Câmara dos Deputados na semana passada após anos de ausência. Muito pouco havia de novo nas propostas do maior partido de oposição do Ocidente para a superação da crise econômica atravessada na garganta do país. É verdade que o PMDB esclareceu sua posição sobre a moratória, defendendo-a por um prazo de três anos. Além disso, o pronunciamento fixa data, — 15 de novembro de 1984 — para a realização de eleições diretas para a Presidência da República. Fora esses dois pontos, aliás presentes em qualquer conversa sobre política no país hoje, mesmo entre setores do próprio regime, nenhuma novidade. Apesar de todo suspense criado

em torno da elaboração de novas propostas econômicas e políticas, envolvendo o nome de Celso Furtado, a minoritária parcela da população que pode ler jornais verificou que o conteúdo do discurso era nada mais nada menos que o antigo programa do partido, que vem desde os tempos do MDB, com itens importantes e lacunas enormes, cuja característica essencial é o seu esquecimento nas gavetas. O programa reivindica a reforma agrária, mas jamais o PMDB organizou qualquer campanha consequente pela medida, como fez a Igreja, e por isto mesmo tem padres presos no Brasil da abertura. Liberdade sim, desde que não incomode...

CONTRADIÇÕES
Resolver a crise de indefinição do

partido, dar um centro unificador de todas as tendências, radicalizando no papel para conciliar na prática, esse o objetivo fundamental do discurso. O método é simples: elogia-se o Projeto Emergência de Teotônio Vilela, antes considerado incompleto, para tapar elegantemente os esforços, a briga surda para conter o estilo do ex-senador alagoano. De ir discutir política nas universidades, nos sindicatos, nas praças públicas, apoiando, mesmo contra a direção do partido e dos governadores peemedebistas, o "Dia Nacional de Greve", no dia 21 de julho. Um bom discurso para ficar no papel é um péssimo discurso. Alguém se lembra de Ulysses num sindicato?

Enquanto o depoimento do general Andrada Serpa na TV

Brasília teve sua gravação recolhida pelo Exército porque chama o povo par ir às ruas pelas eleições diretas e defende o não pagamento da dívida externa, pois não é o Brasil o devedor da história, mas o expropriado pelo capitalismo transnacional, o discurso de Ulysses é publicado nos principais jornais do país.

A conciliação está em marcha. Conciliar sem mobilizar o povo. Este que está no Nordeste comendo calango e na Amazônia deserta não tem terra para plantar. Conciliar para não explodir, para não ser ultrapassado, para não ser obrigado a mudar pela raiz a natureza perversa do modelo econômico dependente, este o grande problema.

Novos personagens, velhos papéis.
(Carlos Alberto de Almeida)

A tese do óbvio

«O discurso do deputado Ulysses Guimarães é a síntese de uma verborragia radical, com propostas do Tancredo Neves». Esta é a opinião do Partido dos Trabalhadores, manifestada pelo deputado José Eudes (RJ). Para ele, uma das facções peemedebistas saiu perdedora, a que não transigia com a tese da conciliação nacional.

Segundo deputados do PT e do PDT, o discurso do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, foi importante, mas eles afirmam que seus partidos não concordam com todas as propostas apresentadas.

A deputada Bete Mendes (PT-RJ), esclarece que a proposta do PT para a solução dos problemas brasileiros é mais ampla. O PT defende uma grande reforma agrária e o fortalecimento das relações econômicas entre o Brasil e os países do Terceiro Mundo, tópicos que não foram ressaltados na proposta do PMDB.

Para o deputado Bocaiuva Cunha, líder do PDT, este «foi o discurso do óbvio». Bocaiuva Cunha explica que não vê nada ofensivo em dizer isto, pois o Brasil «está precisando muito de coisas óbvias e só quem não vê isso é o Governo».

«Talvez o Governo não esteja preparado para dar uma guinada de 180 graus na política econômica brasileira, e esta, sem dúvida, é a proposta do PMDB», disse o vice-líder do PDT (RJ), Brandão Monteiro.

O deputado José Eudes (PT-RJ) explica que a proposta do vice-presidente do PMDB, Teotônio Vilela, expressa pelo deputado Ulysses Guimarães através do seu discurso, é abrangente e avançada. José Eudes acredita que o Projeto Emergência aproximará setores de outros partidos da oposição, embora eles saibam que na negociação com o Governo Federal não vão chegar a nenhum acordo.

Para o deputado Brandão Monteiro, por sua vez, as propostas do vice-presidente do PMDB, se assemelham com as apresentadas pelo economista Celso Furtado, já que ambas são proposições da oposição brasileira tentando se chegar a uma saída para um fim democrático.

As idéias do PMDB expressas através do discurso de seu presidente geraram opiniões conflitantes nos outros partidos de oposição. Apesar disso, já é conhecida a posição destes partidos. Segundo eles, a oposição unificada é mais forte para atingir os objetivos comuns, lutar contra os problemas brasileiros, que dividida. (Cátia Abra)



Ulysses aposta na unificação do seu partido

Uma idéia antiga

A proposta de negociação política, defendida pelo deputado Ulysses Guimarães, não é nova dentro do PMDB. No começo do ano, os deputados Roberto Freire (PE) e Alberto Goldmam (SP) lançaram documento conjunto colocando para a bancada propostas com o mesmo teor das defendidas pelo Presidente do Partido em seu discurso do último dia 23.

Segundo Goldmam, essas são propostas que representam a alternativa popular e democrática para a saída da crise econômica, social e política em que vivemos. São propostas que devem ser discutidas e respaldadas pela sociedade dando legitimidade ao PMDB na luta para obrigar o regime a ceder de sua postura autoritária e contrária aos interesses nacionais. Para Roberto Freire, a crise é dramática. Ao principal partido de oposição não resta outro caminho senão assumir a responsabilidade de propor medidas concretas de solução para a crise, aliando-as às já tradicionais bandeiras da frente peemedebista, como eleições diretas e a convocação de uma assembleia nacional constituinte.

Além da importância de que se reveste o pronunciamento em relação ao quadro político nacional, o discurso de Ulysses Guimarães tenta conseguir a unidade interna do PMDB, bastante desgastada nos últimos tempos.

Na busca do consenso interno sobre o elenco de medidas propostas, o dep. Ulysses Guimarães percorreu o país em inúmeros contatos com todos os segmentos do Partido.

Também significativo, para Roberto Freire, é o fato de que essa unificação permite ao PMDB sair da crise de imobilismo em que se encontra.

As reações ao pronunciamento, dentro dos meios políticos, foram as mais variadas. Desde a pronta aceitação até à acusação de conciliação, passando pela reação "emocional" do líder do PDS na câmara, Nelson Marchezan. Para Goldmam, "o PMDB não busca conciliar com o Palácio do Planalto. Busca, isso sim, obrigá-lo a negociar — a partir da mobilização da sociedade e da unidade das forças democráticas — soluções que interessem à Nação, expostas pelo Presidente do PMDB como base de entendimento. Não significa abrir mão das teses democráticas, mas pelo contrário, encontrar caminhos que possam levá-las à concretização". Roberto Freire é ainda mais incisivo no que se refere às acusações de conciliação. Para ele, "essa é uma acusação de quem não entende a estratégia política adotada pela frente democrática, desde a sua primeira formulação, quando ainda circunscreta ao antigo MDB". É afirmação destituída de qualquer sentido, salvo o da raiva e da irritação, de quem não tem alternativas a oferecer para o enfrentamento da crise sem interrupção do processo de reconquista democrática. A proposta de Ulysses Guimarães tem claro o objetivo de mudança e não pode ser confundida, por quem use de boa-fé, com adesão, ou até mesmo concessão de fôlego ao Governo, conclui Roberto Freire.

(Rodrigo Mesquita)

Mais uma frente

Totalmente desvinculada da proposta apresentada no último dia 24 pelo presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, surge no Congresso Nacional a Frente Parlamentar Nacionalista, integrada por políticos de todos os partidos e que atualmente já conta com 106 participantes. A FPN, segundo o seu coordenador, deputado Alencar Furtado (PMDB-PR), possui novas propostas para os problemas da nação que serão apresentadas ao Congresso Nacional e ao povo brasileiro brevemente.

Alencar Furtado explicou que, diante da proposta da FPN, a resposta para os problemas brasileiros está em uma mobilização nacional. Segundo ele, estes problemas formam um contexto, para o qual a única saída está nas eleições diretas, havendo portanto o respaldo da população. "Tem que mexer com os brios da nação", enfatiza o deputado.

A FPN

Muito mais voltada aos problemas básicos do povo brasileiro do que a proposta peemedebista, a Frente defende a integração nacional como solução para os graves problemas de alimentação, habitação, vestuário, educação e saúde, que se agravam com a crise mundial e com as imposições de uma dívida interna de doze trilhões de cruzeiros e uma dívida externa que já chega a cem bilhões de dólares.

A principal e mais urgente bandeira defendida pela Frente Parlamentar Nacionalista, diz Alencar Furtado, é a imposição de uma moratória unilateral pois, segundo

ele, "a negociação já está em prática e não está adiantando nada". Ressaltou ainda que o pagamento da dívida externa aos credores deve ser realizado na razão direta dos interesses nacionais e compatível com o desenvolvimento econômico do país.

A defesa dos recursos naturais e das reservas minerais, que são atualmente controlados diretamente pelo capital estrangeiro, é outra difícil bandeira defendida pela Frente, que luta ainda pela estatização dos bancos, estabelecendo que a maioria do capital deve pertencer à União e aos Estados.

Infelizmente, segundo Alencar Furtado, a proposta, mesmo antes de ser apresentada, já está sendo boicotada pela grande imprensa e por parlamentares mais interessados no seu "engavetamento". (Jurema Campos)

PDS indeciso

O partido do Governo, dividido pela formação da chapa dissidente Participação ainda não encontrou a melhor forma de encaminhar suas propostas no Congresso Nacional. Os parlamentares do PDS parecem esperar que a situação fique mais clara e o presidente Figueiredo volte ao Palácio para que se resolvam as pendências internas e, posteriormente, as negociações com os outros partidos.

O líder do partido na Câmara, Nelson Marchezan, reconheceu que o PDS ainda não conseguiu sensibilizar o Governo para as propostas de estabilidade dos trabalhadores durante a vigência do Decreto-lei 2.045, que reduziu os salários. Acrescentou ainda que pela lógica, a solução sobre a moratória e o consenso em torno do Projeto 2.045, deve sair em setembro. Marchezan declara-se convencido de que há interesse do Brasil em solicitar a moratória, embora particularmente não acredite que a moratória seja a solução.

O senador Roberto Campos (PDS-MT) em discurso na Associação Comercial de São Paulo, diz que a tarefa é complexa e o tratamento para superar a crise econômica é diversificada. Propõe a "busca de financiamentos não recescoláveis, empréstimos de médio prazo no mercado europeu, créditos de fornecedores, saques sobre o FMI e empréstimos-ponte de curto prazo", ou seja, a continuidade da atual política.

Já o senador João Calmon afirma que o Brasil vive uma fase muito parecida com aquela descrita pelo escritor Sérgio Porto, no Samba do Crioulo Doido. O Governo manifesta-se por declarações desencontradas e nem sempre coerentes. (Sarita Maria de Carvalho)

Os dois Brasis de Evandro de Souza

Um registro afetivo e reflexivo de duas realidades — a do Brasil potência e a do Brasil rural, realista, presente em qualquer lugarejo de interior. O elo entre as duas realidades é Evandro de Souza, engenheiro que, após decretar a falência de sua firma construtora, no Rio de Janeiro, mergulha no interior, mais especificamente em Aruanã, cidadezinha perdida no interior de Goiás, às margens do Rio Araguaia, a 500 quilômetros de Brasília. Lá, Evandro passa a viver em conflito com essas duas realidades: de um lado, o intelectual urbano, do outro, uma vida de renúncias, simples, legítimas e, aparentemente primitiva.

Esse é, mais ou menos, o eixo em que gira o enredo de *A Dificil Viagem*, do cineasta e professor do Departamento de Comunicação da UnB, Geraldo Moraes, filme ganhador de quatro prêmios no I Festival de Cinema do Rio de Janeiro e que reúne no elenco, nomes como Paulo José, Zaira Zambelli e Roberto Bonfim, além de atores de Brasília como, Ari Pararaios, Malú Moraes, Gisele Lemper e Beatriz de Castro, e a produção de Aruanã. O fil-

me está em cartaz no Cine Bristol.

O Diretor

A Dificil Viagem é o primeiro longa-metragem de ficção, e o último trabalho do cineasta Geraldo da Rocha Moraes, que já fez os curtas *A Semente do Pão*, representante do Brasil na IV Mostra Internacional do Cinema Científico e no Festival de Santarém (Portugal); e o documentário *Os Mensageiros da Aldeia*.

Em Brasília há 13 anos — ele nasceu em Santa Maria, RS — Geraldo é professor do Departamento de Comunicação da UnB. Durante quase 10 anos ele foi cineclubista, crítico de cinema e cineasta amador em Porto Alegre. Estudou cinema na PUC, de Porto Alegre e na Universidade de Flórida, Estados Unidos.

A Dificil Viagem vem mostrar um outro lado de Geraldo, e do crítico e observador social, o espírito antropológico, descoberto por acaso, em uma de suas viagens de pescaria ao Araguaia, em que pôde constatar, de perto, o choque entre duas realidades, agora registrada em seu filme. (Cristina Gutemberg)

Em livro, o gênio de Glauber Rocha

Dois anos após sua morte, Glauber está de volta em "O Século do Cinema", coeditado pela Embrafilme e Ditorial Alhambra, que começa a chegar nas livrarias. O livro é uma coletânea de idéias, lampejos, críticas, impressões estéticas e políticas, sugestões e impulsos, um exercício reflexivo. Uma obra que condensa o pensamento de Glauber sobre o cinema e os homens que fizeram sua história.

Para o cineasta Wladimir Carvalho, "O Século do Cinema é a melhor das obras de Glauber já editadas". E Glauber brilha, principalmente em seus textos finais, marcados pela crítica radical, defendida pelo raciocínio lúcido e a competência de um cineasta intelectual.

Nas 256 páginas que compõem o livro, ele procura vincular o século XX ao desenvolvimento e consolidação da técnica e linguagem cinematográficas. Glauber vê como o último grande filósofo nos moldes tradicionais Jean Paul Sartre, a quem sucederam os cineastas, artistas e

pensadores, que encontraram no cinema, o veículo mais sintonizado com a época, seu canal de expressão.

GRANDES NOMES

Escrito ao longo de três décadas, em circunstâncias e lugares diversos, "O Século do Cinema", não esqueceu nenhum grande nome. Chaplin, Eisenstein, Fritz Lang, Fellini, Bergman, Godard, Kurosawa, Wyler, Orson Welles, Kramer, Elia Kazan, John Huston, Kubrick, Visconti, Rossellini, Passolini, Bertolucci e Buñuel — ninguém escapou ao olhar crítico de Glauber. Ele não fica nisso e discute ainda questões como: a violência, o racismo, a delinquência juvenil, o gênero policial, os westerns, Cristo e a passagem das mitologias. Fala de Gilberto Gil, Tom Jobim, jazz e Nova Iorque.

Esse completo esboço do que era a cabeça de Glauber já pode ser encontrado nas livrarias ao preço de 2.900 cruzeiros. (Cristina Gutemberg)

Uma nova revista paras as ciências sociais

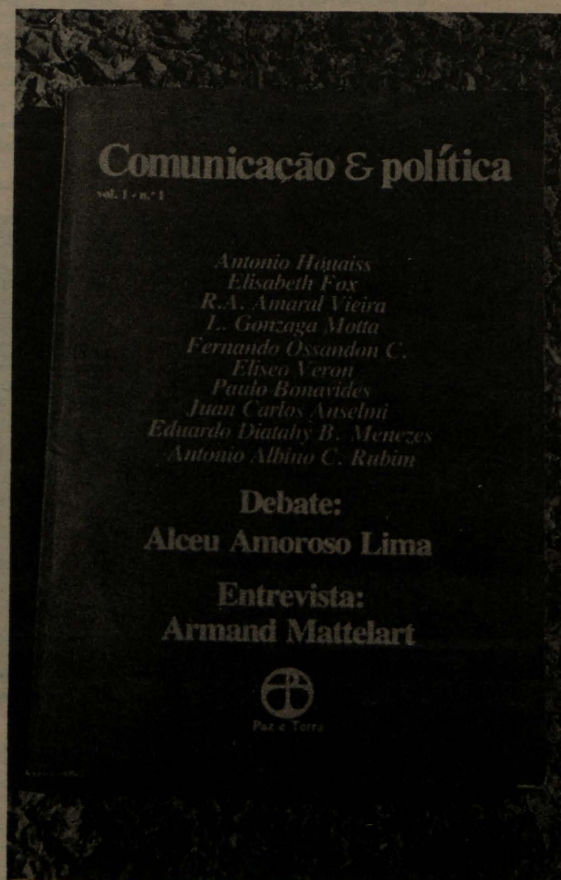
"Voltada para a divulgação da produção científica latino-americana, a revista *Comunicação & Política* pretende divulgar as idéias produzidas nas Ciências Sociais — Antropologia, Sociologia, Ciência Política e Comunicação —, uma vez que os canais existentes são poucos", afirmou o professor Sérgio Porto, chefe do Departamento de Comunicação da UnB e Vice-Presidente do Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos, que edita a revista. Ela foi lançada em Brasília, dia 23 de agosto, pelo editor, o professor Roberto A. Amaral Vieira, na livraria Presença.

O primeiro número traz o debate com Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) no programa "Canal Livre"; um artigo de Antônio Houaiss, Presidente do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, sobre "Comunicação e Alienação"; uma entrevista com o estudioso de Comunicação Armand Mattelart, a respeito de sua obra, entre outros artigos, resenhas, notas e comentários sobre o problema da América Latina.

O que é

Comunicação & Política é uma revista trimestral, editada em convênio com a Paz e Terra, destinada a professores, estudantes de graduação e pós-graduação, interessados no estudo da realidade latino-americana. Ela admite, para publicação, trabalhos em qualquer das quatro línguas oficiais (inglês, francês, espanhol e português). *Comunicação & Política* conta com uma seção de Resenha Bibliográfica e uma seção de correspondência aberta aos leitores. Também faz parte da sua estruturação, uma seção de depoimentos de personalidades ligadas às áreas de política e comunicação; artigos originais; noticiários e notas de interesse do leitor; Dossiê e Entrevista, com pesquisadores ou especialistas.

O Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos é



C&P expressa idéias científicas latino-americanas.

uma sociedade civil sem fins lucrativos. Reúne em seu expediente o filólogo e ensaísta Antônio Houaiss, Presidente; e os professores R.A. Amaral Vieira e Sérgio Porto, na Vice-Presidência. São colaboradores da revista os professores Venício Artur de Lima e José Salomão, Davi Amorim, do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, entre outros. O Centro tem por objetivo promover o desenvolvimento do estudo e da pesquisa nas áreas das Ciências Sociais, particularmente da comunicação e política, e principalmente na América Latina. Na área de pesquisa, o Centro vem desenvolvendo negociações com a UNESCO e com o Conselho Interamericano de Intercâmbio e Desenvolvimento, para financiamento de projetos.

O segundo número de *Comunicação & Política*, ainda inédito, abordará questões da América Latina e da intervenção nos assuntos internos na Nicarágua; a Informática, a Nova Ordem Internacional da Informação; Radiodifusão no Brasil; Portugal de Salazar, entre outros trabalhos.

Para associar-se ao Centro ou assinar a revista basta escrever para: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Sede Provisória — Rua do Rosário, n.º 104/3.º andar — Sindicato dos escritores do Rio de Janeiro — CEP 20041 — Rio de Janeiro — RJ. *Comunicação & Política* se encontra à venda em livrarias ou por reembolso postal, ao preço de Cr\$ 1.400,00. (Lilian Mandel).

Pílula: liberdade e segurança versus saúde

São quase três décadas de debates e controvérsias: De um lado os sérios efeitos colaterais, inclusive psicológicos; de outro a segurança e a liberdade.

"O problema do controle de natalidade não pode mais ser pensado apenas como um assunto feminino — os homens se omitindo dos debates e delegando a responsabilidade às mulheres", afirmou a antropóloga Mireya Soares, do Departamento de Ciências Sociais da UnB, em entrevista ao CAMPUS. Para Mireya, deve ser buscado um consenso entre os casais no sentido de se encontrar a melhor solução para a questão de se controlar o número de filhos, repartindo-se as responsabilidades da decisão.

Vários fatores estão incrementando os debates em torno deste assunto. As aspirações profissionais da mulher é um deles, visto que a mulher que controla a prole pode ocupar seu espaço na esfera pública do trabalho — já não é apenas a mãe, é também a cidadã no sentido mais amplo da palavra.

Outro ponto importante a favor do controle da prole é a luta da mulher atual buscando a aceitação da sociedade para um novo desafio — o sexo como um ato de prazer e não apenas como elemento da reprodução humana.

As medidas anticoncepcionais são desejáveis porque liberam a mulher da maternidade não desejada, proporcionando a escolha de se gerar ou não, seguindo um planejamento prévio. É uma opção individual. Mas existem algumas implicações com relação ao seu uso abusivo. Quando ela é tomada por longo tempo sem interrupção, pode causar sérios danos ao organismo feminino, como o atrofiamento do útero (já que a pílula bloqueia suas funções naturais) e o acúmulo de células mortas, que pode levar ao câncer. (Glória Caravvalho)

Conhecer para melhor usar

A pílula anticoncepcional é considerada pela maioria dos especialistas, como a forma mais segura de se evitar a gravidez. As estatísticas acusam uma margem de ineficiência que varia de 0,03 a 0,05% de casos. Não existe ainda um método que possa garantir 100% de segurança, nem mesmo a ligação das trompas ou a retirada do útero.

A pílula passou a ser utilizada em larga escala mundial depois do sucesso do pesquisador norte-americano Pincus e de seus colaboradores, quando eles usaram a população feminina de Porto Rico como cobaias de seus experimentos. A partir da década de 50, três tipos básicos de anticoncepcionais foram desenvolvidos. Com exceção da pílula sequencial, retirada do mercado há oito anos por causar sérios malefícios à saúde, duas outras fórmulas vêm sendo aperfeiçoadas: o combinado e a progesterona.

O combinado é composto de progesterona e estrogênio, hormônios estes ministrados do 1º ao 21º dia de cada ciclo durante três meses, intervalados por um de descanso. Há 25 anos atrás, sua dosagem era mil vezes superior à atual. Microvlar e Nordette são filhas desse aperfeiçoamento. A progesterona

consiste numa microdosagem pura, ou seja, sem o estrogênio. Apesar da sua margem de segurança ser sensivelmente inferior ao do combinado, essa fórmula é necessária para as mulheres com problemas de flebite, hipertensão, varizes, diabetes e epilepsia. A presença do estrogênio é evitada pela sua capacidade de acelerar a velocidade de coagulação do sangue, contribuindo para o agravamento dessas doenças. Estes anticoncepcionais atuais de microdosagens são ministrados até para mães em período de amamentação, sem prejudicar a lactação, o que não ocorria com os de antigamente.

EFEITOS

É muito polêmica a discussão em torno dos inúmeros efeitos colaterais da pílula anticoncepcional. Além dos efeitos primários, como náuseas, dores de cabeça, vômitos, gastrites, excitação nervosa, obesidade e hemorragia, a falta de uma plena consciência por parte das usuárias pode levar a sérios riscos de saúde.

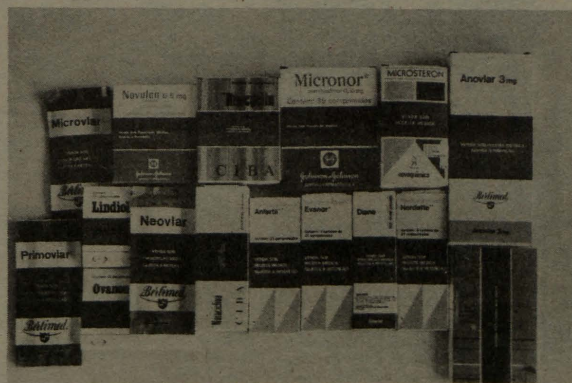
Segundo o Dr. Ariovaldo Afonso de Cantuária, Chefe das disciplinas de ginecologia e obstetria da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, os pro-

blemas decorrem principalmente da automedicação, ou seja, da falta de orientação médica. Em muitos casos, a mulher desconhece seu metabolismo interno e ingere drogas que vão agravar quadros já deficientes em seu organismo. Quem tem complicações renais, por exemplo, deve ser cautelosa, pois a ingestão não orientada de qualquer pílula pode favorecer a retenção de sal e água. Um exame do fundo do olho basta para detectar possíveis insuficiências oftálmicas, tendências ao glaucoma, edema da retina e trombose retiniana. Todas suscetíveis ao agravamento com o uso indiscriminado da pílula.

Vale a pena correr todos esses riscos? O Dr. Rival Antônio de Souza, ginecologista estudioso e com participação expressiva em congressos sobre o assunto, afirma que "a mulher grávida corre os mesmos riscos de vida que a outra consumidora de pílulas". A gravidez sujeita-a a todos esses problemas e, neste caso, os riscos de vida são até maiores. Um exemplo: uma mulher grávida com problemas de varizes e que fuma, está muito mais sujeita a uma trombose do que outra que também tenha varizes, fume e consuma pílulas". (Lavina Madeira Ribeiro)



Aumentar o índice de natalidade...



...ou não. Depende de muitos fatores.

O método funciona, mas não é usado por todos os casais.

Douglas Schukkel (30 anos, técnico de Marketing) e Rita de Cássia Schukkel (25 anos, bibliotecária) estão casados há dois anos, têm dois filhos e adotam o controle da natalidade. De todos os métodos conhecidos eles consideram a pílula como o mais garantido e também necessário para um planejamento familiar eficaz. Rita acha inclusive que o efeito da pílula deveria ser mais prolongado.

Douglas acrescenta que a pílula é usada por uma minoria em função de aspectos morais e sócio-econômicos, desestimulando assim mudanças de comportamento na sociedade. Rita concorda com o marido, e dá uma ênfase maior ao problema moral levantado pela Igreja. Ela acha também que a sociedade deve ter maior acesso a informação sobre o assunto e uma educação sexual eficiente. Para

Douglas, entretanto, isto é problema de se ter mais ou menos dinheiro.

Outra questão levantada pelo casal é a estrutura da medicina no Brasil, na qual, segundo Rita, transparece maior interesse pelo lucro e um menor no sentido de orientar a mulher, com o médico receitando a pílula indiscriminadamente. Por esse motivo não vê sentido no uso obrigatório da receita médica e torcer pela sua liberação.

Edson Rocha (segurança, 24 anos) e Suzana Rocha (auxiliar administrativa, 22 anos) casados a um ano e meio, são a favor da pílula, mas não a utilizam. O organismo de Suzana não a aceitou e ela sofreu alterações inclusive no sistema nervoso. Atualmente o casal está utilizando três métodos naturais com uma boa margem de segurança. Eles já têm um filho e acham que é muito cedo para pensar em outro. Só

lamentam que a pílula afete tanto a estabilidade do organismo, pois consideram que é o método mais eficaz.

Eloisio de Andrade Melo (35 anos, psicólogo e exercendo atividade burocrática) e Júlia de A. Melo (36 anos, funcionária pública) têm dez anos de casados e dois filhos. Júlia usou a pílula até submeter-se a uma histerectomia para retirada de parte de seu aparelho reprodutor. Segundo o casal as vantagens da pílula são o planejamento familiar e a liberação da mulher. E ressaltam: "Psicologicamente desvantagem é não tomar a pílula". Quanto ao aspecto da liberação da mulher Júlia enfatiza que "o fato da mulher estar preparada para o sexo, não significa que está preparada para a maternidade". Nesse aspecto — conclui — a pílula resolve também o problema". (Luiz Roberto e Sheila Perru)

O controle médico é indispensável

Muitas dúvidas surgem quando se decide optar pelo uso da pílula anticoncepcional. Além das dúvidas sobre seus efeitos colaterais, algumas pessoas acreditam que os médicos receitam a pílula indiscriminadamente, e por isso defendem a liberalização da sua venda nas farmácias. Sobre estas questões, o Dr. Antônio Fontenelle, chefe do Serviço de Ginecologia e Obstetria do Hospital Regional de Taguatinga, falou ao CAMPUS.

"As pacientes querem a pílula de qualquer maneira", afirmou o Dr. Fontenelle. Em muitos casos o seu uso é desaconselhável, e representa mesmo um fator de risco, em função da idade da mulher e condições gerais do organismo. Mas é quase

um esforço perdido tentar convencer a paciente a buscar outro método. É uma situação difícil de se contornar, e a maioria das mulheres está optando pela esterilização depois do terceiro filho. Mas aqui surge outro problema, pois a simples decisão do casal de não ter mais filhos não constitui razão perante a lei. Nesses casos, a cirurgia é feita com base em acordo entre o médico e o casal.

Sobre a liberação da venda de anticoncepcionais nas farmácias, o Dr. Antônio explicou a necessidade de controle médico, pois nem todos os contraceptivos são iguais ou causam os mesmos efeitos colaterais, além do fato de que não devem ser tomados por períodos superiores a seis meses. (Sheila Perru).

Henfil,

humor no país de cucarachas

Irreverente, crítico e malandro, Henfil.

Uma informal "aula inaugural" para pensar e rir.

Humor, muito humor para vencer a crise, reverter as expectativas, "Andar na sua própria contramão" A Universidade? Cair fora dela. Comunicação? Uma especialidade extinta. o comunicador? Um desempregado. Brasília? "Em Brasília 19 horas..." para quem marcou, dançou e perdeu, os melhores momentos da palestra de Henfil no Departamento de Comunicação.



Márcia Suyane

"Em Brasília: 19 horas"

Brasília eu vejo assim: "Em Brasília: 19 horas". Aqui parece que são 19 horas o dia inteiro, que a voz do Brasil não vai parar nunca. Isso aqui é uma ficção e a gente é tão maluco que acredita, que vem morar aqui, que estuda aqui, que disputa o poder, quando não existe isso aqui.

O que é Brasília? Capital do Brasil. Capital do Brasil todos nós sabemos que é Washington, Bonn e Tóquio. É lá que as coisas acontecem. Então, tem esse vácuo de poder que é Brasília, onde ninguém apita nada.

Brasília representa essa coisa que nós vamos ter que conquistar, porque o Brasil nunca teve... nós nunca fomos donos de nossa Nação, do nosso destino. Há 483 anos que nós não somos donos do nosso destino.

As pessoas que estão aqui vão ter que descobrir isso e vão ter que trabalhar 30 vezes mais para desconstruir Brasília. A minha meta em relação à Brasília é essa: desconstruir Brasília e se voltar para o Brasil. Acabar com essa ficção de que nós temos capital, que tem poder e essas coisas todas. Essa minha visão não é em relação à Brasília, mas em relação a essa ficção toda.

Acho que o papel de quem está em Brasília é de desmontá-la, torná-la inviável, mais humana.

"Só o SNI seria capaz de dar os dados dos escândalos que o Estado de S. Paulo, o Jornal do Brasil e a Folha andaram denunciando".

Hoje, os jornais estão sempre mudando os críticos. Pegam o cara recém saído das universidades e botam para trabalhar. Quando o cara está incorporando eles o botam para fora e contratam outros. E assim que eles vão mantendo esse padrão de nada; em que eles dão escândalo hoje e se você olhar todos os escândalos nos jornais vai ver que nenhum deles é trabalhado ou pesquisado pelo jornal.

Eu não sei quem é. A gente supõe... Só o SNI seria capaz de dar os dados dos escândalos que o Estado de S. Paulo, o Jornal do Brasil e a Folha andaram denunciando.

Conheço os repórteres. Sei que são caras fracos, de pouca experiência. Como é que eles entraram lá, tiram xerox de documentos do

Itamaraty, não sei de onde... Evidentemente, a imprensa é hoje um tentáculo do poder.

"Em 1968 havia mais liberdade do que hoje"

Eu acho que em 1968 havia mais liberdade do que hoje. Porque naquela época estava tudo sendo cercado. Você ainda podia brigar com a cerca. A gente, quando fez o Pasquim, brigava com a censura. Hoje, não tem mais policial, quem me censura é o dono do jornal, o chefe do departamento comercial que diz que eu não posso dar pau em banco porque o dono da revista é banqueiro. Então, eu estou mais tolhido do que naquela época. Em nenhum lugar eu posso mais dar pau em banco; nem no Pasquim que está cheio de título em banco.

Os militares realmente conseguiram organizar isso muito bem. Retiraram-se e deixaram aqueles que realmente seguram as coisas. A censura deles era assim: "Isso não pode porque vai dar problema com a imagem do Brasil no exterior. Isso não pode porque vai falar que tem problema de tortura". Agora: "Isso não pode porque vai ferir os interesses do banco". Ora, isso é uma coisa muito ampla.

Hoje, cada vez mais o espaço é menor. Por exemplo, na TV Bandeirantes tem uma lista negra que proíbe um bocadinho de coisa. Nada do que é importante é discutido. Nada do que está acontecendo é discutido.

"O Nordeste está precisando de advogados".

Inventaram que o Nordeste está passando fome agora. Logo que o Gabeira voltou, ele fez uma reportagem para a Isto E, e começou a ter fome no Nordeste. Há 483 anos que ela está aí. Mas não existe nenhuma reportagem que diga que temos 20 latifundiários e 20 milhões de flagelados; que a terra está concentrada na mão de 20 famílias, em todo o Nordeste. E como é que essa terra está concentrada nas mãos de 20 famílias? Na base do assassinato. Foi através da violência que os fazendeiros tomaram as terras... através da corrupção; porque lá é uma área de corrupção altíssima.

E, do que o Nordeste precisa? Ele não precisa de água, de roupas, de



Márcia Suyane

alimentos... O Nordeste precisa é de advogados para reconquistar as terras dos 20 milhões que perderam, que foram expulsos e empurrados para a caatinga.

Agora, a imprensa sabe disso e não vai revelar quem são os culpados. Como é que ela vai poder revelar se os jornais estão comprometidos com esses 20. Se os jornais da região são desses 20? Se as multinacionais já entraram em acordo com eles? A liberdade de hoje não existe.

"Se nós todos saíssemos daqui aos beijos, as tropas do Palácio do Planalto iam correr".

O papel do humor na história é uma conquista de cada pessoa. É reverter a sua própria expectativa, andar na sua própria contramão, e nunca perguntar se pode. Nem para você.

Quando o Ronald Reagan veio ao Brasil, e isto é válido também para o Papa, quem eles mandaram prender, cercar e vigiar? O beijoqueiro. E o beijoqueiro o que é? É o humor. Num País onde a violência é a forma de comunicação e de protesto, um cara vem beijando e isto vira uma extrema agressão, porque é uma extrema desmoralização.

Esse é o caminho. Se nós todos saíssemos daqui aos beijos, as tropas do Palácio do Planalto iam correr, largavam fuzil e tudo, nós invadiamos o Governo a beijo.

"Para cada Faculdade de Comunicação já tem um chip no lugar".

Dizem que aqui em Brasília se estuda legal. Mas se estuda o que? Uma coisa que já está predeterminada antes e vocês todos vão se

já está extinta. É comunicação, né? Todos desempregados...

E estão estudando, fazem prova para conseguir o diploma e não vão exercer a profissão porque esta é uma área em que a computação, os "chips", já estão em tudo. Para cada universidade de Comunicação já tem um "chip" no lugar, que executa todas as tarefas do chamado comunicador.

A única solução: vocês têm que cair fora da Universidade. O convite que eu faço a vocês é fugir imediatamente ou reformar a Universidade imediatamente. Porque a Universidade no Brasil ou, em qualquer parte do mundo, é uma máquina de fazer duplicatas. Não é uma máquina de criação, de desenvolver potenciais.

A Universidade, que eu diria, da vida, seria aquela em que o sujeito pudesse desenvolver seu potencial, mesmo que ele fosse um desconhecido. Algo assim: "Na sala 18, tem um cara surgindo, vem cá ver que horror". Todo mundo vai lá e olha e tem que respeitar. E não de repente uma sala inteira que vira marxista, ou capitalista, ou freudiana.

"Pela lei, cachorro louco, índio e mulher tem os mesmos direitos".

Eu não gosto do nome, o tal do feminista, porque se separa do feminino e possibilita todo este deboche. Se fosse movimento feminino, ninguém ia falar nada. E ele é feminino. E com relação à preservação de um direito que todo mundo sabe que tem que ter e que a mulher não tem.

Pela lei, cachorro, louco, índio e mulher têm os mesmos direitos, ou

seja, nenhum. Nesse aspecto, essa luta está sendo minada, boicotada, por causa desta briga do "ista". Toda vez que você põe um "ista" ou um "ismo" na história, a coisa complica.

Agora, este movimento é uma das conquistas da mulher e ele vai acabar assumindo maior proporção do que tinha antes. As mulheres estão, cada vez mais, tendo acesso ao poder e vão conseguir, já estão conquistando, através das Universidades, que é onde se encontra a maioria, através da cultura, lendo mais.

"A gente está paralisado por um poder que não existe".

Solução? Vejo. A primeira coisa é mais ou menos o que a gente está fazendo agora, que é a curiosidade de saber o que está acontecendo, de um lado; e quem tem informação tem a obrigação de passar.

A segunda coisa, que é o País se indignar e ficar de pé. O Brasil está de quatro, o brasileiro está de quatro. Tá todo mundo assim: "Mas ninguém faz nada!". Quer dizer, eu devolvo a pergunta: o que é que nós vamos fazer? É exatamente este o meu papel no momento, já que eu consigo reunir algumas pessoas: o problema está com vocês, está aí e as pessoas vão ter que ficar de pé.

Outra coisa que também me cabe avisar é que a gente está paralisado por um poder que não existe contra nós. Se você não faz nada, principalmente às claras, porque supõe que tem um poder imenso, fica assim: mas o Sistema... o pano de fundo, em Brasília 19 horas... (Armando Bulcão, Cristina Gutemberg e Rosane Reis)